‘



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA PARFOR

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA

OLINDA QUARESMA AIRES

A BUSCA PELA PRÁTICA DOCENTE COMO ALFABETIZADORA: MINHAS HISTÓRIAS NO MUNICÍPIO DE IGARAPÉ-MIRI/PA

ABAETETUBA

2018

OLINDA QUARESMA AIRES

A BUSCA PELA PRÁTICA DOCENTE COMO ALFABETIZADORA: MINHAS HISTÓRIAS NO MUNICÍPIO DE IGARAPÉ-MIRI/PA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais do Campus Universitário de Abaetetuba da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob orientação da Profª. Drª Edinea Ribeiro.

ABAETETUBA

2018

OLINDA QUARESMA AIRES

A BUSCA PELA PRÁTICA DOCENTE COMO ALFABETIZADORA: MINHAS HISTÓRIAS NO MUNICÍPIO DE IGARAPÉ-MIRI/PA

Avaliado por:

_____

Prof. ..... Orientador

_____

Prof. ..... Avaliador 1

_____

Prof. ..... Avaliador 2

ABAETETUBA

2018

Dedico esse trabalho a minha querida mãezinha Esmeralda Ferreira, que já se foi, mas continua sendo minha maior força e inspiração na vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado a oportunidade de concluir essa graduação e me permitir a cada dia vencer meus medos. Ter sabedoria, persistência e acreditar que não seria fácil vencer os osbstáculos, mas que lutaria como guerreira que sempre fui, para alcançar meus objetivos.

Na pessoa de Elaine Castro Aires (minha filha) agradeço a todos os meus filhos e minha família, pelo apoio, dedicação, incentivo e pelo sacrifício que muitas vezes fizeram para que eu pudesse realizar meu sonho, pois sempre acreditaram que eu seria capaz de vencer essa etapa.

Na pessoa da professora Doutora Edinea Ribeiro (minha orientadora) agradeço a todos os meus educadores pela contribuição pela partilha de conhecimentos e pela motivação. Sou grata e honrada pela contribuição árdua que sempre depositaram em mim. Sempre dispostos a me ajudar, dando-me suporte ao longo de 4 anos.

Nas pessoas de Rosa Castro e Sônia Amaral (minhas amigas) quero agradecer todos os meus amigos e meus vizinhos, pelo apoio e carinho que sempre demonstraram durante minha caminhada acadêmica.

Agradeço a Universidade Federal do Pará (UFPA-PARFOR), por ter me proporcionado uma graduação dentro do conhecimento, da ética e do respeito.

Na pessoa de Luana Sousa (colega de curso) agradeço a todos os colegas da minha turma, pelo companheirismo, incentivo e aprendizado compartilhado durante o curso.

Escrevendo sobre minha história profissional, pude observar o quanto cresci profissionalmente, em relação a minha prática educativa, me “entregando” por inteiro, nesse mundo colorido das crianças. Relatando os passos mais importantes, dados em direção aos sonhos.

Ferreira Padilha

RESUMO

O presente trabalho que tem como tema: “A Busca pela prática docente como alfabetizadora: minhas histórias no município de Igarapé-Miri/PA”. Objetivou relatar, os aspectos de minha vida da infância, à docência e posteriormente no ensino superior. Assim, o tema escolhido justifica-se pelo fato de tratar de uma experiência real de vida, no caso a minha, retratando a minha realidade e poder relatar experiência da docência, a partir da ação-reflexão-ação, por meio dos conhecimentos teóricos e metodológicos adquirido na academia, possibilitando, com isso, refletir os processos pelo qual é constituído o nosso fazer pedagógico na prática educativa e social. Para tanto meu trabalho foi realizado, por meio de meus próprios relatos de experiências, passos traçados no decorrer da minha vida social e profissional, assim como busquei, através de material bibliográfico fundamentação teórica de autores adeptos ao tema para fundamentar meu trabalho. Desta forma esta obra está pautada em três capítulos a saber: no primeiro relato da minha vida do nascimento ao contexto familiar, com os seguintes subtemas: minha vivência familiar: memorias de infância; primeira escola e a alfabetização; ensino fundamental. No segundo capitulo abordei a construção profissional, com os seguintes subtemas: minha formação no magistério; atuação na docência. No terceiro capitulo abordei a construção profissional, com os seguintes subtemas: minha formação no magistério; atuação na docência.

Palavras Chave: Infância. Docência. Educação Básica. Formação Acadêmica.

ABSTRACT

The present work has as its theme: "The search for teaching practice as a literacy teacher: my stories in the municipality of Igarapé-Miri / PA". It aimed to relate the aspects of my childhood life, to teaching and later in higher education. Thus, the chosen theme is justified by the fact that it deals with a real life experience, in my case, portraying my reality and being able to relate teaching experience, from action-reflection-action, through theoretical and practical knowledge. acquired in the academy, making it possible to reflect the processes by which our pedagogical practice is constituted in educational and social practice. For that, my work was carried out, through my own reports of experiences, steps taken in the course of my social and professional life, as well as through bibliographic material, theoretical basis of authors who adhere to the theme to base my work. In this way, this work is based on three chapters: first, my life story: from birth to the family context, with the following subtopics: my family experience: childhood memories; first school and literacy; elementary School. In the second chapter I approached the professional construction, with the following sub-themes: my training in teaching; performance in teaching. In the second chapter I approached the professional construction, with the following sub-themes: my training in teaching; performance in teaching.

Keywords: Childhood. Teaching. Basic education. Academic education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO......10

CAPITULO I - RELATO DA MINHA VIDA.....12
1.1 MINHA VIVÊNCIA FAMILIAR: MEMORIAS DE INFÂNCIA.....12
1.2 PRIMEIRA ESCOLA E A ALFABETIZAÇÃO.....14
1.3 ENSINO FUNDAMENTAL.....16

CAPITULO II - CONSTRUÇÃO PROFISSIONAL.....19
2.1 MINHA FORMAÇÃO NO MAGISTÉRIO.....19
2.2 ATUAÇÃO NA DOCÊNCIA.....20

CAPITULO III - FORMAÇÃO ACADÊMICA.....27
3.1 O INGRESSO NA UNIVERSIDADE.....27
3.2 BENEFÍCIOS QUE O PARFOR TROUXE PARA VIDA PROFISSIONAL.....28

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....32

REFERÊNCIAS.....34

INTRODUÇÃO

O presente memorial faz uma abordagem de todos os aspectos de minha vida desde a infância e o que me conduziu a ingressar na docência e posteriormente no ensino superior. Na medida do possível, procurarei demonstrar fatos que acredito que tenham sido importantes para minha vida, de uma forma geral.

Logo justificar a escolha de um memorial de experiência social e profissional é simples, pois no mesmo procurei explanar aspectos (até onde pude lembrar) da minha retrospectiva de vida, passando pela infância, adolescência, juventude e fase adulta e ainda o ingresso na docência e na educação superior.

Contar essa história significou “reviver” e recordar coisas boas e ruins, mas também é uma forma de lembrar como uma pessoa que há pouco tempo conseguiu vencer inúmeros percalços e desafios da vida pobre e sofrida, caindo muitas vezes, levantou e reergueu-se com mais força não se deixando abater pelos problemas.

Assim, a metodologia escolhida justifica-se pelo fato de tratar de uma experiência real de vida, retratando a minha realidade e a experiência da docência, a partir da ação-reflexão-ação, por meio dos conhecimentos teóricos e metodológicos adquiridos na academia, possibilitando, com isso, a reflexão dos processos pelo qual é constituído o nosso fazer pedagógico na prática educativa e social. Como fontes para a elaboração deste Memorial, procurei informações com pessoas que fizeram em algum momento parte da minha trajetória de vida. Para tanto meu trabalho foi realizado, por meio de meus próprios relatos de experiências, passos traçados no decorrer da vida, juntando aos poucos os “retalhos” para então assim construir este trabalho, assim como busquei, através de material bibliográfico fundamentação teórica de autores adeptos ao tema para fundamentar o trabalho.

Mas, para realizar esta pesquisa foi necessário recorrer a teóricos que trabalham o conceito de memória, para que dessa forma eu pudesse sustentar minha pesquisa. Além do conceito de memória também busquei outros conceitos, que serão apresentados no decorrer deste trabalho.

Assim a memória é um processo de retenção de informações no qual nossas experiências são arquivadas e recuperadas quando as chamamos. É uma função cerebral superior relacionada ao processo de retenção de informações obtidas em experiências vividas.

Desta forma Pollak (1992) estabelece três elementos constitutivos da

memória, individual ou coletiva: em primeiro lugar estão os acontecimentos vividos pessoalmente; em segundo lugar, são os acontecimentos que o autor denomina como “vividos por tabela” acontecimentos dos quais a pessoa não participou diretamente, mas que foram vividos pela coletividade à qual pertence; e, em terceiro, a memória também é constituída por pessoas e personagens e lugares (ligados a uma lembrança que pode ser pessoal ou “herdada” da comunidade). De acordo com Fonseca, (2006, p. 35).

> [...] o registro da vida dos professores [e de suas memórias], de suas maneiras de ser e ensinar situa-se neste campo movediço em que se cruzam os modos de ser do indivíduo e o mundo social, as instituições e os diferentes atores, grupos e conflitos sociais que fazem parte de suas trajetórias.

Uma nova forma de encarar a história da educação vem caracterizando as pesquisas na área desde meados dos anos 1980. Nas palavras de Carvalho (2008), um “movimento de reconfiguração da historiografia educacional” a partir da incorporação de novos temas, questões, procedimentos de pesquisa e perspectivas de abordagem. Um “movimento de renovação teórica, temática e metodológica”. Neste percurso, temas tradicionais estão sendo revistos e outros, como as memórias dos professores ganham relevo.

Diante do exposto é que nesta obra procurei relatar fatos memoriais que foram importantes na minha vida social e acadêmica. Para tanto esta obra está pautada em três capítulos, a saber:

No primeiro, relato, memórias da minha infância: do nascimento ao contexto familiar, com os seguintes subtemas: minha vida familiar: memórias de minha infância; a infância e o convívio familiar: uma construção de valores; iniciação na vida escolar: minha mãe, minha primeira educadora, na vida e na escola; ensino fundamental menor (séries iniciais); ensino fundamental maior (séries finais).

No segundo capítulo apresento as vivências como professora, a partir do ingresso ao magistério e do início de minha vida docente, assim como também os seguinte subtemas: a importância do magistério em minha atuação; minha vida profissional (após concluir a 8ª série).

No último, abordo a minha trajetória na formação acadêmica, dentro da Universidade e os benefícios desses novos conhecimentos acadêmicos para a minha vida profissional.

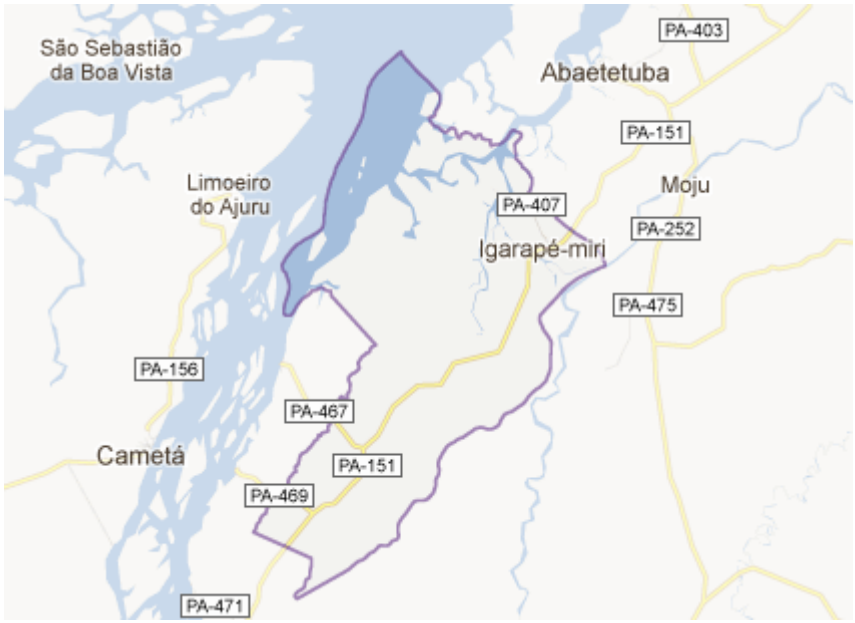
CAPÍTULO I - RELATO DA MINHA VIDA

Este capítulo faz um relato de experiência de minha vida. Nas fontes, reconheço minha comunidade e minha trajetória, da qual recebi muitas lições de vida. No movimento e na busca, acompanham-me minha família, amigos, colegas, estudantes, educadora. Começarei a minha narrativa autobiográfica a partir da infância, trazendo a educação escolar como pano de fundo para colocar-me nessa rememoração.

1.1 MINHA VIVÊNCIA FAMILIAR: MEMÓRIAS DE INFÂNCIA

Neste capítulo abordarei a minha trajetória de vida, primeiramente relatarei a minha infância e do meu contexto familiar, minha relação com aqueles que fizeram parte desta história, durante a minha vida as margens do Rio Mamangal Grande meio rural do município de Igarapé-Miri/PA, o qual está localizado no Nordeste Paraense zona do Baixo Tocantins, contém uma área territorial de 2.000,739 Km2, de acordo com os dados do IBGE(2008), o Município de Igarapé-Miri conta com uma população aproximadamente de 60 mil habitantes e faz fronteira com os municípios de: Abaetetuba, Limoeiro do Ajuru, São Sebastião da Boa vista, Cametá e Moju

Foto-1 – Mapa do município de Igarapé-Miri/PA -retirado do blog do Acervo de Ademir Rocha https://www.google.com.br/search?q=mapa+rio+- em 12/12/2017 – 16h.



Assim, quando falamos em infância, não podemos nos referir a esta etapa da vida como uma abstração, e sim como um conjunto de fatores que institui determinadas posições que incluem a família, a escola, pai, mãe, entre outros que colaboram para que haja determinados modos de pensar e viver a infância. A respeito disso, basta verificarmos que desde o século XII até início do século XX, a sociedade vem criando conceitos e modelos para infância, além de mecanismos que a valorizem, principalmente a infância pobre e desvalida, pois de acordo com a obra de Ariés (1978), o sentimento sobre a infância se dá nas camadas mais nobres da sociedade. Já a criança pobre continua a não conhecer o verdadeiro significado da infância, ficando assim a mercê da própria sorte.

Desta forma, na medida do possível, procurarei relatar fatos que foram importantes para minha vida, de uma forma geral. Contudo, sei que poderei pecar, no decorrer deste memorial em fazer alguns relatos, talvez me esquecendo de outros.

Assim sendo apresento-me: eu me chamo Olinda Quaresma Aires, nasci no dia 21.10.1961, às margens do rio Mamangal Grande no município de Igarapé-Miri, sou a terceira filha do casal Raimundo Pantoja Quaresma e Esmeralda Ferreira Quaresma (em memória).

Devido minha família morar no interior, onde não haviam escolas, eu só iniciei minha vida escolar aos sete anos, quando meus pais se mudaram para a cidade de Igarapé-Miri. No começo foi muito difícil, pois tínhamos acabado de chegar na cidade e meu pai sem emprego não tinha como tirar meu registro de nascimento, por isso o sonho de entrar numa escola estava cada vez mais difícil, pois sem registro não podia frequentar uma escola.

As poucas lembranças que eu tenho sobre o lugar que morávamos são maravilhosas, porque era um lugar lindo. Era década de 1970 no município de Igarapé-Miri, auge dos engenhos de cana de açúcar, base da economia na época, o período áureo da indústria da aguardente[1]. Até a década de 1970, o município experimentou índices altos de crescimento econômico que o colocou no elenco dos mais desenvolvidos do Estado do Pará. Esse período de prosperidade foi compartilhado por toda a população Igarapé Miriense, na medida em que a indústria

[1] **Aguardente** bebida de teor alcoólico elevado, obtida pela destilação do caldo da cana-de-açúcar, do vinho, do bagaço de uvas, de cereais, raízes, tubérculos, frutos e outros produtos vegetais doces, depois de fermentados.

de cachaça ocupava toda a mão de obra disponível no município, através do oferecimento de empregos diretos e indiretos, esses representados por fornecedores de cana.

1.2 PRIMEIRA ESCOLA E A ALFABETIZAÇÃO

Fui alfabetizada por uma amiga de meus pais, Dona Ana Maria Gonçalves que tinha a 4ª série do 1º grau (atual ensino fundamental menor), que ministrava as aulas no quintal de sua casa, pois era o único lugar que seu irmão nos deixava ficar, pois quando ele chegava bêbado, não deixava ninguém ficar na casa, e por conta disso, ela me levava para o fundo do quintal. Sua metodologia era muito tradicional, pois as teorias da educação que nortearam a escola tradicional confundem-se com as próprias raízes da escola tal como a concebemos como instituição de ensino. (SAVIANI, 1991)

Não é falso afirmar que o paradigma de ensino tradicional foi um dos principais a influenciar a prática educacional formal, bem como o que serviu de referencial para os modelos que o sucederam através do tempo. Interessante é perceber que a escola tradicional continua em evidência até hoje. Paradoxo? É possível, mas é necessário reconhecer que o caráter “tradicional atual” da escola passou por muitas modificações ao longo de sua história. (SAVIANI, 1991)

É necessário situar no tempo a escola tradicional que interessa a esta discussão. Ela surgiu a partir do advento dos sistemas nacionais de ensino, que datam do século passado, mas que só atingiram maior força e abrangência nas últimas décadas do século XX. Com o início de uma política estritamente educacional foi possível a implantação de redes públicas de ensino na Europa e América do Norte (PATTO, 1990). A organização desses sistemas de ensino inspirou-se na emergente sociedade burguesa, a qual apregoava a educação como um direito de todos e dever do Estado. Assim, a educação escolar teria a função de auxiliar a construção e consolidação de uma sociedade democrática:

> O direito de todos à educação decorria do tipo de sociedade correspondente aos interesses da nova classe que se consolidara no poder: a burguesia... Para superar a situação de opressão, própria do “Antigo Regime”, e ascender a um tipo de sociedade fundada no contrato social celebrado “livremente” entre os indivíduos, era necessário vencer a barreira da ignorância... A escola é erigida, pois, no grande instrumento para converter súditos em cidadãos. (SAVIANI, 1991. p. 18)

A organização dessa escola do século passado seguia os passos determinados por essa teoria pedagógica que permanece atual em seus pontos principais:

> Como as iniciativas cabiam ao professor, o essencial era contar com um professor razoavelmente bem preparado. Assim, as escolas eram organizadas em forma de classes, cada uma contando com um professor que expunha as lições que os alunos seguiam atentamente e aplicava os exercícios que os alunos deveriam realizar disciplinadamente. (SAVIANI, 1991. p.18)

A história da educação mostrou que tudo não passou de um sonho embora não saibamos quem realmente o sonhou. A universalização da educação é uma realidade na maioria dos países ocidentais; porém, no dizer de Gadotti (1995), uns receberam mais educação do que outros. A igualdade entre os homens permanece um sonho ainda muito distante do nosso planeta. Apesar de tudo a escola como instituição destinada a todos faz parte do nosso cotidiano e das obrigações da família e do Estado para com suas crianças e adolescentes.

E foi por meio de Dona Ana Maria Gonçalves que conheci as primeiras letras do famoso ABC, decorei a cartilha e fiquei muito feliz quando percebi o que havia conseguido. Embora eu já estivesse com sete anos, tudo era novidade, pois estava descobrindo um universo novo em que eu estava dominando as primeiras letras do alfabeto, mas infelizmente naquela pequena mesa no fundo do quintal decorei o ABC, mas perdi a pré-escola que até hoje me faz muita falta.

A cartilha ABC do estudante de Hildebrand (1958), firma uma tradição na história da escola primária brasileira, integrando as lembranças de muitos escritores. Mesmo sendo um utensílio originalmente vinculado a um dos mais tradicionais métodos de alfabetização (método sintético), resistiu às inovações promovidas pelos partidários de outros modelos de alfabetização e continuou sendo editado até os anos 70 do século XX e continua sendo impresso e distribuído com modificações, sobretudo nas regiões do Norte e Nordeste brasileiros, conforme exemplar recente enviado de Pernambuco.

No Amazonas, o inventário realizado não deixa dúvidas quanto à intensidade de seu uso ao longo de todo o período estudado. Mas cabe interrogar-nos sobre o que teria sido esse objeto cultural em torno do qual eram realizados os primeiros contatos da criança com a cultura escrita. De modo geral é possível dizer que as cartas de abc eram constituídas por abecedário maiúsculo e minúsculo; os silabários compostos com segmentos de uma, duas ou três letras e, por fim, as palavras soltas

cujos segmentos silábicos apareciam separados por hífen. Esses elementos constitutivos das cartas de abc também estavam presentes na maioria das cartilhas em circulação na época, tornando menos nítidos os traços distintivos entre as mesmas. (HILDEBRAND,1958)

Dona Ana Maria Gonçalves deixava-me estudar e ler várias cartilhas que ela tinha e com isso a leitura foi muito importante na minha vida, tanto escolar como pessoal, pois gostava de ler e estudar sozinha embaixo de uma árvore que tinha no quintal da professora.

Para Pozo (2002), a aprendizagem é um processo individual, ativo e social. É individual, pois significa desenvolver uma representação pessoal e única da realidade. Ativa, pois para aprender necessita-se de motivação, de uma tomada de decisão, de estabelecer deduções, relações, vínculos para articular conhecimentos e experiências já vividas em relação ao novo conteúdo, objeto de aprendizagem. É também social, decorrente da cultura em que estamos inseridos, ou seja, aprendemos o que é demanda social.

Nesse sentido Pozo (2002), enfatiza que as ações educativas ocorrem em diversas instâncias sociais. Para o autor, aprende-se em vários espaços e circunstâncias e não apenas na instituição formal chamada escola. No entanto, em nossa sociedade, onde o ensino escolar é obrigatório, cabe à escola propor um conjunto de condições que possibilitem aos estudantes um desenvolvimento pessoal e social.

1.3 ENSINO FUNDAMENTAL

Aos oito anos tive meu sonho realizado: entrei numa escola “de verdade”. Isso aconteceu porque a diretora se tornou amiga da minha família e me matriculou sem registro e deu um prazo pro meu pai providenciar o documento. Tive a oportunidade de conhecer e fazer parte de uma escola com professora, colegas, diretora e todos os funcionários que a compõe.

Minha primeira professora se chamava Eunice, era uma pessoa muito doce, meiga e educada, sua voz calma, seu jeito alegre e tranquilo me demonstrou segurança, e parecia gostar muito do que fazia, pois fazia com muito amor e com isso eu me tranquilizei, sua maneira de conduzir sua aula, me deixou á vontade e naquele momento eu me sentia uma estudante com um caderno, um lápis e uma borracha dentro de um saco plástico de compras. Meu primeiro dia de aula foi muito

emocionante que nem percebi que tinha chegado ao final e já era hora de voltar para casa cheia de novidades e uma fila se formou para se despedir da professora, ganhei um abraço, um beijo e um até amanhã e lá eu tive a certeza que no outro dia teria mais e voltei pra casa muito feliz e pronta pra contar para minha mãe e meus irmãos como tinha sido meu primeiro dia de aula, e naquele momento eu era aluna do Grupo Escolar Professor Manoel Antonio de Castro.

E aos cuidados dessa professora conclui a primeira série atrasada, e passei pra segunda série já que a professora Eunice garantiu para minha mãe que eu não precisava cursar a primeira série adiantada, pois já estava preparada para cursar a segunda série.

Estudei nessa escola durante cinco anos, onde eu concluí o primário (hoje o fundamental menor) e de onde tenho boas recordações pois, não tinha vergonha de me expor. Eu era uma criança alegre e feliz, apesar das dificuldades financeiras por qual passávamos e conseguíamos superar com muito amor e carinho, e nessa escola estudei até a quinta série primária e foi ai que sai da minha escola do coração na qual eu vivi muitas emoções e conheci minhas primeiras amizades.

Depois dessa etapa fui estudar no Ginásio Estadual Aristóteles Emiliano de Castro para cursar a primeira série do Ginásio[2] e lá foi mais difícil porque a metodologia era diferente, pois agora eu já estava com treze anos e para cada disciplina eu teria um professor e teria que me adaptar com vários professores.

Neste período também comecei a enfrentar um bicho papão que hoje chamamos de Bullyng[3], pois eu era muito branca com muitas sardas pelo corpo e o cabelo longo, cheios de cachos avermelhados e olhos claros que meus colegas diziam que mudava de cor e com isso eu me sentia discriminada.

E foi ai que meu sonho de estudante quase se perdeu, pois o lugar onde eu iria buscar conhecimentos me mostrou um lado triste, pois foi nesse ambiente escolar que conheci a discriminação e para recordar esses momentos é muito doloroso.

E assim fui seguindo minha trajetória escolar, conclui a primeira série do ginásio e fui aprovada para a segunda série e foi ai na segunda série que minha tortura aumentou, pois chegou na minha escola uma professora nova, era uma freira

[2] Série do Ginásio- Antigo 1º primeiro grau (atual ensino fundamental maior)

[3] Bullying é a prática de atos violentos, intencionais e repetidos, contra uma pessoa indefesa, que podem causar danos físicos e psicológicos às vítimas. O termo surgiu a partir do inglês bully, palavra que significa tirano, brigão ou valentão, na tradução para o português.

que se chamava Irmã Joy que foi direcionada para nos repassar a disciplina de ensino Religioso.

A nova professora percebeu meu isolamento e começou a me dar tarefas, pra mim era muito torturante ter que me levantar do meu cantinho que era no final da sala junto com uma colega que também sofria discriminação pela sua cor e pelo seu jeito tímido, e do lado dela eu me sentia bem, pois eu sabia muito bem o que ela sentia rejeitada.

E quando a nova professora chegou e me trocou de cadeira e me colocou na frente dela e me pediu para auxiliá-la durante a aula foi muito difícil, pois eu fazia de tudo pra ninguém me notar na sala de aula e de repente tive que sair do meu refúgio e mudar tudo, no momento eu não entendi, mas mesmo sem entender os dias se passavam e uma vez por semana a professora de ensino religioso chegava e o clima de insegurança pairava em mim, mas existia uma força maior dentro do meu ser que acreditava que eu iria conseguir vencer meus medos e seguir em frente, e foi assim que terminei mais um ciclo da minha vida de estudante ginasial.

Porém, no ensino fundamental maior, além de momentos dolorosos, também foram anos de muitas descobertas que com certeza só vieram a contribuir muito com a minha aprendizagem. Eu tinha uma grande esperança que através da educação podíamos superar qualquer tipo de barreiras e ter um futuro promissor, e essa busca constante de conhecimento nos faz ser capaz de construir novas possibilidades de aprendizado e aprendemos a ser alguém crítico capaz de defender nossas ideias e pensamentos. Freire nos diz:

> Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de apreender. Por isso, somos os únicos em que aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito (1996, p. 69).

Dessa forma, o processo de construção do saber para mim foi e está sendo muito produtivo, pois a cada dia procuro melhorar e ampliar meus conhecimentos para que assim possa ter suporte para realizar mudanças na minha vida pessoal e profissional.

CAPITULO II - CONSTRUÇÃO PROFISSIONAL

Neste capítulo, explano meu percurso durante a formação no ensino Magistério, bem como os primeiros anos de minha atuação na docência, mostrando minhas principais dificuldades e os motivos que me levaram a buscar os conhecimentos do ensino superior.

2.1 MINHA FORMAÇÃO NO ENSINO MAGISTÉRIO

Na década de 1980 iniciei na escola Enedina Sampaio Melo o 2º grau-Magistério (ensino médio atual) no Sistema de Organização Modular de Ensino que segundo Silva (1994) é uma estrutura educacional, administrativa e pedagógica, que se caracteriza pela funcionalidade decorrente de sua estrutura. Nessa nova escola o ensino também não foi diferente da escola anterior, apesar dessa educação tradicional.

O primeiro dia de aula foi muito difícil na escola, pois não tinha água, não tinha ventilador. Eu estava no início da gravidez da minha primeira filha e o calor e falta de água me abalaram. Mas mesmo com todas estas dificuldades, iniciei o primeiro módulo com as seguintes disciplinas: História, Geografia e Ciências. Consegui concluir o mesmo e dei início ao segundo módulo com as seguintes disciplinas: Matemática e Educação Artística, mas não consegui concluir este módulo, porque estava grávida de 06 (seis) meses e o calor intenso não me permitiu prosseguir meus estudos.

Fiquei sem estudar por um período de 15 anos. Neste período, já casada, tive 04 (quatro) filhos, sendo que um veio a óbito. Morei em Belém por 10 anos, e no último ano meu marido faleceu, vítima de assalto, então resolvi voltar para morar em Igarapé-Miri com minha mãe para me ajudar a criar meus três filhos.

Fiquei 05 (cinco) anos trabalhando com minha mãe em venda de açaí, e morando em sua residência. Após 05 (cinco) anos, com meus filhos bem maiores consegui uma casa e fui morar com eles. Neste período senti vontade de estudar, mas, tinha muito medo, porque fazia 15 anos que eu estava longe da sala de aula, tinha parado no início do antigo 2º grau (ensino médio atual).

Porém, para voltar a estudar o ensino médio fui incentivada por um amigo, pois eu acreditava que não tinha condições de voltar a estudar, me achava incapaz. Contudo, meu amigo me fez entender que nunca é tarde para realizarmos nossos

sonhos e que eu deveria voltar a estudar e concluir o ensino médio.

Reiniciar meus estudos seria um grande problema pra mim, pois era uma mulher viúva morando em uma casa com dois filhos (eu tinha encaminhado minha filha mais velha para estudar em Belém, na casa de uma tia). Como iria estudar, com medo de deixar dois meninos sozinhos em casa à noite? Eu precisava fazer este sacrifício de estudar à noite e trabalhar durante o dia, pois viúva com três crianças para criar a minha solução era estudar para poder conseguir um emprego para dar uma vida melhor aos meus filhos. E assim, no ano de 2000 concluí o ensino Magistério e passei a atividade docente.

2.2 ATUAÇÃO NA DOCÊNCIA

Após concluir o Magistério no ano de 2001 comecei a trabalhar como professora no maternal na educação infantil, pela Secretaria de Educação Municipal de Igarapé-Miri/PA, onde adquiri muitos conhecimentos da prática educativa na educação infantil.

No ano de 2005, além de trabalhar na escola pública, comecei a trabalhar em uma escola particular de educação infantil denominada Centro Educacional Dinâmico, onde trabalhei o ano de 2005 e no ano seguinte fui trabalhar em outra escola particular infantil denominada Centro Educacional Pequeno Gênio e a partir desse período trabalhei em várias escolas públicas, sempre como alfabetizadora.

Contudo tinha que estudar muito e me planejar bastante, pois o magistério me proporcionou conhecimentos teóricos, mas eu precisava de prática para ministrar as aulas para crianças que estavam no período de alfabetização. Não tinha tempo para os estudos, pois sempre me dediquei a trabalhar com criança no processo de alfabetização e letramento, pois sempre gostei de alfabetizar crianças na 1ª serie[4], porquê entendo que a alfabetização na escola deve ser compreendida como um processo político pedagógico, que garanta a todos os envolvidos a construção e a reflexão crítica da leitura ou da escrita, ou seja, tal aprendizado deve ser baseado no conceito de letramento, onde o aluno crie possibilidades de ampliar suas ideias e transmiti-las de forma diversificada, essa é a conclusão que cheguei a partir de todas as minhas leituras e experiências sobre tal assunto.

Vale ressaltar que todo o trabalho com a alfabetização na perspectiva do

[4] 1ª série- atualmente 2º ano do ensino fundamental

letramento está pautado na busca da realização de atividades que levem em consideração os usos sociais da língua escrita, não somente os escolares, mas também os relativos a outras esferas sociais. Como bem destaca Kleiman (2005, p.33):

> As práticas de letramento fora da escola têm objetivos sociais relevantes para os participantes da situação. As práticas de letramento escolares visam ao desenvolvimento de habilidades e competências no aluno e isso pode, ou não, ser relevante para o estudante. Essa diferença afeta a relação com a língua escrita e é uma das razões pelas quais a língua escrita é uma das barreiras mais difíceis de serem transpostas por pessoas que vêm de comunidades em que a escrita é pouco ou nada usada.

Fazer com que a criança em fase de alfabetização vivencie a leitura, a produção de texto escrito, a produção e compreensão de textos orais e a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética como práticas relevantes e interessantes é um desafio para os professores, o qual pode ser vencido quando “o trabalho didático é organizado levando em conta os textos que circulam entre diversos grupos sociais, no dia a dia.” (KLEIMAN, 2005, p.34). É com base nestas ideias que tomamos os usos dos gêneros textuais como ponto de partida para a prática pedagógica, com o objetivo primeiro de propiciar a vivência destas práticas também em ambiente escolar e despertar nossos alunos para o uso além dos muros da escola. Ensinar por meio dos usos dos gêneros textuais significa promover um ensino voltado para a vida, que propicie verdadeiramente a formação do cidadão participativo das práticas sociais que envolvem a cultura escrita. É um direito de nossos alunos e cabe aos professores garantir este direito de aprendizagem a cada um.

Embora na atualidade se tenha maior compreensão da necessidade e do direcionamento de como deve ser o processo alfabetizador, muitos trabalhos e teorias foram criados para chegarmos a concepções que atendessem as necessidades do sistema moderno.

Desse modo foram concebidos diferentes métodos para serem associados ao processo de alfabetização, correspondendo às diretrizes pretendidas pelo sistema como refletem Ferreira e Dias (2002, p. 40):

> Percebem-se, então, na proposta de alfabetização imposta à escola e à sociedade desde o século XIX, que são evitadas relações mais elaboradas entre o sujeito-leitor e a escrita, fazendo-se desta um privilégio social de poucos, que se tornam *leitores* em contraposição aos decifradores, que são vistos como os malsucedidos e academicamente fracassados. Apesar das exigências sociais neste século XXI serem outras, a escola ainda continua respondendo a uma exigência que já não lhe é mais adequada. Este projeto

> de alfabetização não foi e não é suficiente para permitir a imersão na escrita, para possibilitar a reflexão e para responder às questões que os indivíduos se colocam para se compreender e compreender a realidade e, consequentemente, para fazer emergir uma transformação coletiva.

A partir da colocação dos autores é possível visualizar que a cada período histórico, o processo alfabetizador esteve atrelado às exigências que o sistema social impunha. Desse modo, o sistema de ensino se organizou em torno dessa proposta incorporando tendências metodológicas desenvolvidas para o fim proposto.

Nessa perspectiva, convidam-se professores a refletir sobre o papel do contato dos estudantes com diferentes textos, em atividades de leitura e escrita realizadas dentro e fora da escola. No entanto, é preciso recordar que esse contato por si só, sem mediação, não garante que nossas crianças e nossos jovens se alfabetizem, ou seja, que se apropriem do Sistema de Escrita Alfabética. Desse modo, consideramos relevante a distinção feita pela professora Magda Soares (1998) entre alfabetização e letramento.

Assim, a partir da proposta de “alfabetizar letrando”, os docentes devem levar as crianças à apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) envolvidos em situações do uso social da escrita, desenvolvendo a capacidade de ler e produzir textos com finalidades distintas. Assim, o contato com a diversidade de gêneros e as situações de leitura e produção de textos deve acontecer de forma simultânea ao processo de aprendizado do SEA.

Entretanto o conceito de letramento começou a ser usado nos meios acadêmicos como tentativa de separar os estudos sobre o “impacto social da escrita” (KLEIMAN 1995), introduzindo no discurso de especialistas das Ciências Linguísticas e da Educação. Segundo Soares (1998, p. 79) a palavra letramento é uma tradução da expressão inglesa *litercy, “*que quer dizer pessoa educada, capaz de ler e escrever”. Da mesma forma, eximem-se as conotações de sentido de Paulo Freire, onde:

> Atribui à alfabetização, os quais a veem como capaz de levar o analfabeto a organizar reflexivamente seu pensamento, a desenvolver sua consciência crítica, capaz de introduzi-lo num processo real de democratização da cultura e de libertação (FREIRE 1980, p.22)

O conceito de letramento é muito amplo, por isso torna-se difícil de contemplar ou definir um conceito fixo. No entanto, “o letramento cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais”

(SOARES, 2004).

Para Soares (2004), o estudar do letramento não é um trabalho simples, é necessário considerar métodos que permitem estudar e formular uma definição para o tema. Assim,

> Para estudar e interpretar o letramento [...] três tarefas são necessárias. A primeira é formular uma definição consistente que permita estabelecer comparações ao longo do tempo. Níveis básicos ou primários de leitura e escrita constituem os únicos indicadores ou sinais flexíveis e razoáveis para responder esse critério essencial [...] o letramento e um conjunto de técnicas usadas para a comunicação e para a decodificação e reprodução de materiais escritos ou ingressos não pode ser considerado. (SOARES, 2004, p.19).

Conforme se depreende no estudo, o letramento é visto em primeiro momento como um atributo pessoal e social, e diz respeito à simplicidade das tecnologias mentais de ler e escrever. Entretanto, torna-se ao mesmo tempo um fenômeno cultual, um conjunto de atividades sociais que envolvem a língua escrita, e de exigências sociais. Segue-se que o letramento:

> O ato de ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisa que os seres humanos fazem antes de ler a palavra. Até mesmo historicamente, os seres humanos primeiro mudaram o mundo, depois revelaram o mundo e a seguir as palavras (FREIRE, 1980, p. 20).

Podemos dessa forma, definir em um contexto de subsidio que o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como um sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para a prática especifica da escola, que fornecem o parâmetro de prática social, segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo do sujeito alfabetizado ou não alfabetizado, ou seja, apenas um tipo de prática equivale de fato a dominante que desenvolve alguns tipos de habilidades mas não outros, e que determinam uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita (KLEIMAN, 1995, p. 19)

Para tanto com a ampliação do ensino fundamental para nove anos, ocorre um aumento do tempo de ensino/aprendizagem da alfabetização, permitindo à criança um período mais longo para se apropriar desses conhecimentos sobre a notação escrita e a linguagem escrita. Contudo, a organização do ciclo de alfabetização em três anos pode levar à diluição dos objetivos a serem atingidos em cada ano de escolarização, acarretando em uma falta de clareza quanto ao que se pretende atingir em relação ao trabalho com conhecimentos específicos para o processo de alfabetização. Delimitando os direitos de aprendizagem para cada ano

do primeiro ciclo, mesmo defendendo que não haja reprovações entre as etapas de alfabetização.

De acordo com os direitos de aprendizagem ao iniciar o ano 3 do ensino fundamental, os alunos já poderiam ter compreendido o SEA e o seu funcionamento. Nesse sentido, ao chegar nessa fase, o foco do trabalho do professor estaria voltado à consolidação desse processo, de modo que a criança possa ler e produzir, com autonomia, textos de gêneros distintos como, por exemplo, poemas, histórias, relatos pessoais, dentre outros. Assim, as práticas de sala de aula devem ser orientadas no sentido de levar a criança, durante as atividades de leitura e produção de textos, a compreender que o que se escreve e a forma que se usa ao escrever estão diretamente relacionados ao efeito que o texto procura produzir no leitor, ou seja, a sua finalidade é inserir o aluno nas situações de letramento, é necessário levá-lo a refletir sobre os princípios do Sistema de Escrita Alfabética (SEA).

O aluno precisa compreender o que a escrita nota e como deve acontecer essa notação. Embora acreditemos que a reflexão sobre tais princípios devem ser aprofundadas no ano 1, não é difícil encontrarmos situações em que o professor se depara com alunos que chegam ao ano 3 sem o domínio inicial do SEA. Nesse sentido, é importante desenvolver estratégias de trabalho que possibilitem o avanço dessas crianças, a fim de que, ao término do ano, estejam, pelo menos, no nível alfabético de escrita e tenham aprendido muitas das correspondências letra-som de nossa língua. Diversos fatores ou um conjunto deles podem fazer com que o aluno chegue ao ano 3 em um nível de escrita pouco avançado.

Podem ser citadas causas como a falta, nos anos anteriores, de ensino sistemático da escrita alfabética ou a falta de um ensino ajustado às necessidades do estudante nos anos 1 e 2 do Ensino Fundamental. O professor, insisto, precisa ser um facilitador do processo de apropriação do SEA.

É importante que ele diagnostique o que a criança já sabe sobre a escrita e que saiba o que fazer para desenvolver uma metodologia de ensino para propiciar o avanço do pequeno aprendiz.

De acordo com Ferreiro e Teberosky (1985), a criança reconstrói a escrita, ou seja, a escrita é algo que já existe na sociedade e que ela precisa compreender. Contudo, a criança não depende apenas de um ensino formal para começar a pensar sobre a escrita. Por viver em uma sociedade letrada, a criança constrói algumas hipóteses sobre o SEA, mesmo antes de entrar na escola.

No início as dificuldades eram muitas, porém, o ambiente escolar aos poucos foi se desvendando e percebi que o papel do professor era complexo e exigia muito mais do um simples desejo de querer trabalhar, mas minha intenção inicial tinha como única finalidade conseguir um sustento para minha família embora nunca houvesse pensado em exercer a profissão de professora, foi então que percebi que havia me encontrado, passando a tomar gosto e compromisso por aquilo que estava fazendo, obviamente que não podemos fazer algo apenas por fazer, mas que na verdade temos que ter o compromisso principalmente quando se trata da educação, uma vez que trabalhamos com pessoas, embora muitos não reconheçam por não estarem fazendo aquilo que não almejavam.

Entretanto, a sala de aula não era aquilo que eu imaginava, e que para atuar na docência era preciso saber muito mais, pois os conhecimentos não eram suficientes, e a realidade me instigava a querer aprender para além dos muros da escola, e as diferentes situações reveladas no contexto escolar me reportavam a esse interesse em buscar mais conhecimentos. A escola deixava bem explícita as várias situações ocorridas dentro dela como: o ensino aprendizagem, o comportamento dos alunos, o relacionamento com os pais, a falta de autonomia para planejar as aulas, as dificuldades quanto aos materiais didáticos entre outros, tudo isso se revela um grande desafio que muitas vezes me desmotivavam gerando dúvidas e inseguranças.

Assim:

> O cotidiano escolar encontra-se impregnado de outros momentos sociais e entrelaça-se continuamente com eles. Isso faz com que o cotidiano seja muitas vezes orientado e vivido por meio de significados atribuídos a determinadas tarefas e comportamentos, assimilados e reelaborados nas relações estabelecidas, não só no espaço escolar, mas em todos os outros. (ASSUNÇÃO, 1996, p. 27).

Fazendo uma análise do recorte acima, é relevante citar que em meio às várias situações nas quais me deparei em sala de aula, os quais exigiam aquele profissional competente, com iniciativa própria, refletir a cada momento as práticas, com discernimento para entendê-la e autonomia para modificá-la. Foi então que percebi que o conhecimento apreendido ao longo de minha vida escolar não havia me dado suporte para enfrentar as diversidades do cotidiano escolar e as necessidades de uma professora iniciante. Aos poucos passei a contestar a formação adquirida, não acreditando ser suficiente para atuar na docência.

Hoje tenho consciência que o papel do professor vai além de um simples transmissor de conhecimentos, uma vez que ele tem o compromisso com esse conhecimento, com a cultura, com a cidadania, enfim com o ser humano. A esse respeito Freire (1996), ressalta que: “É na inconclusão do ser, que sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente.” (FREIRE, 1996, p. 64). Dessa forma, acredito que o processo educativo, não se dá sozinho, mas em conjunto, onde professor e aluno compartilham de constante aprendizagem, diante disso é de fundamental importância refletir sobre nosso trabalho.

Nesse processo acredito que os educandos são fundamentais, pois são eles os indicadores do caminho a percorrer, convivendo com erros e acertos que contribuirão para aprimorar ainda mais esta formação, até por que:

> Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão, da revisão constante dos significados sociais da profissão. Constrói-se também pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano, a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor. (PIMENTA, 2002, p. 19)

Usando essa reflexão como ponte de argumentação reflexiva me reporta a minha vida que foi com o propósito de me qualificar que nunca deixei de me atualizar, busquei alguns cursos como: estudos de formação continuada na área da educação inclusiva, na perspectiva da atualização profissional, a fim de agregar novos conhecimentos, que viessem contribuir para a minha prática pedagógica e, consequentemente, para o ensino aprendizagem dos alunos. Os cursos, os encontros esporádicos, as trocas de experiências com colegas me levaram a acreditar que havia a necessidade em dar continuidade à formação, tentando superar aquela recebida no magistério.

CAPITULO III - FORMAÇÃO ACADÊMICA

Neste capitulo relato um período mais recente da minha vida, sobre como se deu meu ingresso na universidade e os medos e desafios novamente que tenho superado desde a minha entrada até presente momento.

3.1 O INGRESSO NA UNIVERSIDADE

Como educadora percebi que precisava de mais conhecimentos teóricos para exercer melhor minha prática educativa, partindo deste princípio é que fui à busca de oportunidades para meu crescimento profissional. No ano de 2013 fiz minha inscrição para o ingresso no Programa de Formação de Professores da Educação Básica (PAFOR) da Universidade Federal do Pará (UFPA) e fui selecionada. Em julho de 2014 iniciei meus estudos acadêmicos em licenciatura em pedagogia, assim o curso superior foi um reflexo positivo de uma conquista na minha vida pessoal e profissional.

Em julho de 2014, iniciou o primeiro semestre do Curso de Pedagogia, e encontrei dificuldade na primeira disciplina, por não entender como eram as atividades na academia, mas depois fui superando e cada semestre foi gratificante e relevante, porquê passei a obter conhecimento científico e metodológico. Esse curso foi uma porta que se abriu e novos caminhos foram surgindo para melhorar os meus conhecimentos na minha prática pedagógica.

Nesse sentido a formação inicial do professor, deve garantir satisfatoriamente o domínio de saberes que lhe possibilite um exercício profissional competente e, consequentemente, interferir de modo mais adequado no desempenho dos educandos. Dessa forma, a formação continuada de professores adquire um caráter urgente e emergente. Urgente pelo fato de que, cada vez mais, a sociedade atual exige de seus pares novas demandas, não só em função das necessidades, não apenas individuais, mas também sócios organizacionais, que essas passam a requerer. Além disso, cabe destacar que essas necessidades apontam a educação e a formação como meios privilegiados para a satisfação das mesmas, já que as exigências desta sociedade em contínua mudança abrangem diferentes níveis, que vão desde o educativo, o cultural, o social, o econômico até o profissional.

Apesar de não ser uma preocupação recente, a formação continuada está em constante processo de avaliação e transformação, já que a natureza do trabalho

pedagógico requer domínio de saberes relativos às diversas áreas do conhecimento, assim como às metodologias e à compreensão dos processos presentes no planejamento, organização curricular, avaliação e gestão da educação escolar.

3.2 BENEFÍCIOS QUE O PARFOR TROUXE PARA VIDA PROFISSIONAL

Fui selecionada para cursar pedagogia na UFPA, no campus universitário de Abaetetuba, sendo a maior universidade pública da Amazônia. Comecei a estudar no ano de 2014, em uma turma com quarenta alunos e foi na Universidade que eu consegui um conjunto de transformações que impulsionaram a minha vida, por meio de grande conhecimento que adquiri nos tempo que passei na universidade, conhecimentos que certamente me ajudarão na minha prática pedagógica.

Hoje tenho um novo olhar para os meus trabalhos, meus alunos, minha família e outros. Tudo o que eu aprendi na universidade vai me ajudar a realizar um bom trabalho em sala de aula com meus alunos, com certeza irei contribuir na comunidade escolar onde trabalho. Durante todo o meu percurso educacional fui desenvolvendo a minha prática de acordo como aquilo que aprendo nos textos teóricos. A minha formação acadêmica iniciou na universidade e vai se aprimorando com o meu acompanhamento e desenvolvimento educacional e as futuras pós-graduações e as formações continuadas que pretendo fazer, assim como mudanças que estão ocorrendo na minha prática atual.

Eu sou grata a Deus por ter avançado essa caminhada até chegar ao término do curso de graduação, pela seriedade e oportunidade que ele me deu.

A Lei 9394/96 trata da formação dos profissionais da educação em capítulo específico que indica, logo em seu início, os fundamentos metodológicos que presidirão a formação:

> Art 61. A formação de profissionais da educação, **de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino** e as características de cada fase do desenvolvimento do educando terá como fundamentos:
> I - a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço;
> II- aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino e outras atividades.
> Desta forma, a Lei, no caput do art. 61, indica claramente o princípio fundamental de que a formação dos profissionais da educação, portanto, de professores e pedagogos, deve atender aos objetivos da educação básica.
> Tal princípio define, do ponto de vista legal, que os objetivos e conteúdos de qualquer curso de formação de profissionais para educação devem tomar como referência os artigos 22, 27, 29, 32, 35 e 36 da LDBEN, bem como os Pareceres e Resoluções do Conselho Nacional de Educação

respectivamente de n.º 04/98, 15/98, 22/98 e 02/98, 03/98, 01/99.

Os artigos citados indicam a importância da formação do profissional da educação básica, nos quais fica explicitado que as aprendizagens devem ser significativas, remetendo continuamente o conhecimento à realidade prática do aluno e às suas expectativas e necessidades.

Desse modo, tomando os objetivos da educação básica como referência para os cursos de formação inicial e continuada dos profissionais que atuarão nesse nível de ensino, a LDB indica, ainda, a necessidade de conceber os currículos desses cursos incluindo dois outros princípios metodológicos, também apontados pelo art.61 da Lei 9394/96: a integração teoria-prática e o aproveitamento da experiência anterior.

Assim, a Lei reconhece a importância de estabelecer processos para formação de profissionais que estão atuando em sala de aula, já que para construir junto com os educandos experiências significativas e ensiná-los a relacionar teoria e prática, será preciso que sua formação seja concebida a partir de situações equivalentes de ensino e de aprendizagem.

Diante do exposto vejo atualmente a importância do Curso de Pedagogia em minha vida profissional, porque a didática foi a área de conhecimento me deu subsídios no planejamento no âmbito escolar. Caminhando a passos lentos continuo tendo um pouco de dificuldade em realizar meus trabalhos docentes, pois trabalho com turmas heterogêneas, e na minha prática faço uso dos estudos do meu curso de pedagogia, tais como: letramento, ludicidade, aprendizagens significativas e outros.

Através das reflexões teóricas, dos trabalhos em grupos, das trocas de experiências vivenciei o encontro com a teoria, pude ler, refletir e repensar em minha prática educativa, de modo a não simplesmente olhar para aquele momento vivido apenas como mais um momento, mas com a certeza de que se eu o agarrasse com determinação, disciplina e compromisso minha vida nunca mais seria a mesma e assim o fiz.

Atualmente estou na reta final, muitos desafios foram vivenciados, muitos obstáculos foram superados, tenho plena consciência que a mudança em minha prática pedagógica não se dará apenas pelas experiências que foram vivenciadas na universidade, até porque a universidade é apenas um caminho que ajuda na

formação do profissional, mas sei que ela não é a única responsável. Portanto a formação que recebi na universidade ajudou e muito para que novos olhares fossem percebidos nessa caminhada e que preciso seguir em frente ou com novos cursos ou buscando novas práticas para que assim possa sempre trabalhar focada na perspectiva de ajudar a formar melhores cidadãos para nossa sociedade, esse, acredito que seja o verdadeiro compromisso do professor nos dias de hoje.

Hoje no meu local de trabalho tenho conquistado meu espaço com dignidade e dedicação àquilo que um dia decidi ser: professora. Ao mesmo tempo busco compartilhar na prática a experiência adquirida no Curso de Pedagogia (PARFOR), ciente que contribuir para as mudanças não e fácil, é preciso valorizar todos os conhecimentos com a finalidade de transformar a realidade da educação, na nossa comunidade e por fim no nosso País. Com o avançar dos estudos fui entendendo a escola e a sociedade o que me garantia um bom desempenho acadêmico, continuo sonhando e querendo chegar até onde os meus estudos poderem me levar. Eu tenho uma filosofia de vida que diz “Quando o médico comete erro ele mata uma pessoa, e o professor uma turma toda”.

Freire (1980) fez a opção de se engajar em favor dos humildes, dos excluídos da sociedade capitalista, dos analfabetos, enfim, do povo. Para ele, é fundamental que a educação torne possível aos oprimidos (excluídos, analfabetos, etc.) “pronunciar” o mundo e “anunciar” um mundo melhor para si mesmo e para os outros homens.

Assim, Freire define sua pedagogia:

> [...] A pedagogia que defendemos, e que concerne a uma importante área do Terceiro Mundo, também é uma pedagogia utópica. Devido a este fato, está cheia de esperança, já que ser utópica não significa que seja idealista ou impraticável, mas sim que está comprometida em uma constante denúncia e anunciação. Nossa pedagogia não tem sentido sem uma visão do homem e do mundo. Formula uma concepção científica e humanista que encontra sua expressão em uma práxis dialogal na qual professores e alunos juntos, no ato de analisar uma realidade desumana, a denunciam, anunciando ao mesmo tempo sua transformação, em nome da libertação do homem.” (FREIRE, 2005, p. 91)

Desta forma quando Freire, ao criar e desenvolver um método revolucionário de alfabetização de adultos, baseou-se no existir de homens e mulheres num esforço totalizador da práxis humana. Ele pensou numa educação que libertasse o ser humano da alienação à qual é submetido, em particular no contexto educacional,

dando-lhe dignidade e projetando-o acima das amarras das contingências humanas. (GADOTTI, 1996)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho resgata algumas lembranças do meu passado que estão sendo revividas no meu presente. Recordações positivas e negativas, mas que não vou deixar de esquecer, pois o presente não vive sem o passado e ambos são parte de um universo histórico e minha vida profissional, melhorando minhas atitudes, minhas convicções para transformar a vida dos meus alunos. Para que eles possam ter uma visão de um cidadão crítico e reflexível na sociedade que vivem.

Assim, neste memorial busquei demarcar momentos em percursos baseados em etapas no processo de formação, pois o mesmo tem a finalidade de ressaltar aspectos que deveriam ser postos em análise.

Porque voltar a estudar foi a melhor coisa que pôde acontecer em minha vida, pois os estudos trouxeram-me novas perspectivas para o futuro, e modificaram minha maneira de pensar e agir. Portanto, minha experiência na graduação já modificou significativamente minha prática, não só como professora, mas também como cidadã. Fato este que está sendo de fundamental importância para minha vida profissional e pessoal, pois aprofundar meu trabalho, sobre a importância da alfabetização e o letramento, assim como do lúdico nas aulas, propiciando assim, a criança o conhecimento de sua cultura, porque ao entrar para a escola a criança já possui certos conhecimentos. Ela traz consigo na bagagem cultural do meio onde vive, e isso não pode ser deixado de lado pela escola e principalmente pelos professores.

Assim, nesta trajetória fica cada vez mais claro, em especial pelo exercício docente que realizo, que o ensino, numa perspectiva plena, não pode estar dissociado da pesquisa, enfim, da produção de conhecimento científico. Esses são os fundamentos implícitos na memória dos fatos vivenciados, que partem dos primórdios de minha relação com o mundo, começando pela família e os primeiros passos da minha vida escolar e com a iniciação no mundo acadêmico. Além disso, neste texto está a tentativa de expressar a alegria de sentir-me em meio a um processo dinâmico, instável, rico de possibilidades. E também do sentimento de ter compartilhado sonhos, de ter realizado desejos e de ter tranquilidade e vontade necessárias para continuar a viver novas histórias junto com outros sujeitos.

E, na busca por compreender a dinâmica dos processos de ensino aprendizagem no contexto atual, marcados pela presença de novas formas de

comunicação, interação e relação com o conhecimento. Para tanto através das experiências adquiridas com a participação em salas de aula e com momentos de seminários, rodas de conversas e oficinas, pude compreender que nem sempre é fácil trabalhar a teoria e a pratica, com as dificuldades encontradas em sala de aula, no que concerne a aprendizagem dos educandos.

Mas posso dizer que minha prática em sala de aula vem se renovando a cada dia, a partir dos conhecimentos obtidos pelo curso de formação em pedagogia, pois aprendi que na sala de aula, o educador deve levar em conta que as mudanças e acontecimentos em nossa sociedade, acontecem a cada momento e por isso é necessário que nós professores estejamos atentos e envolvidos no processo em todo momento, porque nossos alunos precisam adquirir habilidades como fazer consultas em livros, entender o que leem e tomam notas, fazer síntese, redigir conclusões, interpretar gráficos e dados, realizar experiências e discutir os resultados obtidos e, ainda, usar instrumentos de medida quando necessário, bem como compreender as relações que existem entre os problemas atuais e o desenvolvimento científico.

Porém entendo que para isso acontecer é fundamental e primordial a presença da mediação do professor, pois o mesmo faz com que o aluno se sinta estimulado e busque a querer e entender cada vez mais que é importante no processo de aprendizagem, o querer aprender a aprender.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da infância e da família. Tradução**: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

ASSUNÇÃO, Maria Madalena. **Magistério:** primário escolar. Campinas SP: Autores Associados, 1996.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9.394/96**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 de dez. 1996.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de; SAVIANI, Demerval; VIDAL, Diana. **Sociedade Brasileira de História da Educação**: constituição, organização e realizações. São Paulo, jul./2008.

FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde; DIAS, Maria da Graca Bompastor Borges. **A escola e o ensino da leitura**. Psicologia em Estudo, Paraná, v. 7, n.1, p. 39-49, 2002.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil**: história oral de vida. 3 ed. Campinas/SP: Papirus, 2006.

FREIRE, P**. Educação como prática da liberdade**. 10 ed. Rio de Janeiro. Editora: Paz e terra, 1980.

_____, **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessário a prática educativa - São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. **Histórias das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1995.

HILDEBRAND, Araci. **ABC do estudante**. Editora Nacional Bahia, Salvador. 1958

KLEIMAN, Ângela B. **Preciso ensinar o letramento?** Não basta ensinar a ler e a escrever? CEFIEL/IEL/UNICAMP. Ministério da Educação. Governos Federal, 2005.

PATTO, M. H. S. A **Produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990.

PIMENTA, Selma Garrido. **Saberes pedagógicos e atividade docente** (org.) São Paulo: Cortez, 2000.

POLLAK, Michel. **Estudos Históricos:**10. ed. Rio de Janeiro: Associação de Pesquisa Documentação Histórica, v.5, n.10, 1992

POZO, Juan Ignácio. **Aprendizes e mestres**: a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SAVIANI, D. **Escola e democracia.** 24. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SOARES, M. **Alfabetização e Letramento, Caminhos e Descaminhos**. Pátio, 29, 2004.

_____, **Letramento e alfabetização:** as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação**.** Nº 25, 2004.